

# Havia uma casa setecentista no Quarteirão do Largo do Colégio



**E**ra uma pequena edificação, quase com carácter rural, de Rés do Chão outrora destinado a funções diversas e adequadas à salubridade precária desse compartimento directamente assente sobre o afloramento granítico, e Piso de Habitação, em pavimento elevado, em sobrado, ao qual se acedia por uma escada de pedra exterior, sob um alpendre apoiado em duas colunas talhadas em granito.

Abstraindo da envolvente urbana próxima, uma apreciação desta casa conduzia-nos de imediato, em imaginário, para o interior rural do Norte de Portugal, sendo evidente a semelhança desta casa setecentista com outras tantas, que encontrávamos em Vilarinho das Furnas, que podemos encontrar em Pitões das Júnias, que subsistem no Lindoso e no Soajo, e mesmo, na área mais remota do Planalto Mirandês, em que a tipologia subjacente é uma das mais frequentes.

Construtivamente, além das alvenarias de granito, que assentavam sobre o afloramento granítico do morro da Sé (até nesse aspecto, parecia transplantada de uma aldeia qualquer das referidas, na sua relação absolutamente orgânica com o terreno, e na utilização da rocha de base como parte integrante das paredes), esta casa havia assimilado, em alguma altura da sua longa história, o processo

construtivo em Taipa de Fasquio, com que eram constituídos grande parte dos paramentos verticais interiores e parte significativa das paredes exteriores do Primeiro Piso. Cobertura em telha, desde há anos em telha marselha, mas com vestígios de anteriores beirais e telhado em telha de capa-e-canudo, que se pôde verificar quando demoliram o telhado e desmontaram os forros interiores que davam suporte aos tectos, alguns, em masseira.

Exemplar único na cidade do Porto, ameaçava derrocada, pelos anos de abandono a que fora votada, de forma semelhante a todos os edifícios envolventes, de forma semelhante a toda a Zona Histórica do Porto, até há 25 anos atrás. Pelo seu interesse, manifesto, foi integrada numa operação de Renovação Urbana de todo o quarteirão em que se inseria, em seguimento do enorme e louvável esforço de investimento que a Câmara Municipal do Porto, sob várias vertentes, e nos últimos anos, tem vindo a realizar na Zona Histórica, com resultados já visíveis e validade indiscutível.

No entanto ...

Já não há uma casa setecentista no Largo do Colégio, no Porto. Apesar das excelentes intenções de todos os interventores, mormente, da



Vista geral do Largo do Colégio, Porto, Abril de 1998.  
Pormenor da Casa Setecentista, já com lage de betão armado e  
alvenarias de tijolo em substituição das taipas  
*Foto: Arquitecto Luis Carvalho*

Câmara Municipal do Porto como promotora, dos projectistas, dos construtores, o resultado prático é a renovação e salubridade de um quarteirão inteiro, que antes estava em estado de decadência profunda, ao nível urbano, construtivo, humano. Mas, entre o furor reconstrutivo e a eficiência da operação, foram englobados edifícios de diversa ordem, origem e valor patrimonial, sem que as suas características intrínsecas e valores fundamentais fossem diferenciados... ou entendidos como elementos definidores da metodologia da abordagem a realizar. O próprio projecto realizado, pressupunha, como base de execução, a necessária demolição total e esvaziamento das diversas parcelas, com excepção das suas fachadas.

Agora, quem passa, vagamente reconhece a casa em questão, e

pode ver um alpendre que foi alongado, ao qual foi acrescentado um novo pilar – desta vez, metálico – as escadas antigas, realinhadas, novas caixilharias, novos rebocos – de cimento, sobre alvenaria de granito, que já estão salitrados e com a tinta plástica a ameaçar descascar – novas tintas, novos brilhos e novíssimas reflexões da luz, novas cores, paredes impecavelmente desempenadas, agora construídas em alvenaria de tijolo vazado, em substituição das paredes de Taipa de Fasquio.

Na cobertura, sente-se a ausência dos “levasseados” característicos da construção de madeira, quer dos originais e desejados pelos construtores, quer dos adquiridos pela deformação dos anos... É natural: a cobertura foi realizada com vigotas de betão pré-fabricadas e posteriormente betonada e regularizada como lage. Do interior

não sei, porque não entrei, mas não precisei de entrar, porque vi a demolição: sobrou apenas a fachada, e mesmo essa, foi criteriosamente amputada das suas partes construídas em Taipa de Fasquio.

Imaculadamente pintada de branco-tinta-plástica com brilho, e tintas-de-esmalte nas caixilharias, com telha nova, (desta feita, da dita “Lusa”, que tem escala e textura absolutamente indesejáveis, mas que há quem teime em acreditar que é a que vem substituir, com vantagens, a velha capa-e-canudo, e que por isso é “patrimonial”), com novas guardas de varanda, degraus alinhados e nivelados, a casa está “como nova”...

Há que assumir: a casa, é nova. Já não é a casa, e muito menos, a casa setecentista, que após a sua construção original, terá sido acrescentada, alterada, mas que em cada alteração tudo se aproveitou, reciclando o que era dantes, para se transformar e se adaptar, assimilando usos, funções e intervenções, sistemas construtivos e ... história, desde há duzentos anos (pelo menos) até ao nosso tempo.

#### Vista geral do Quarteirão do Largo do Colégio, Porto, em Abril de 1998.

À direita, a Casa Setecentista em referência no texto já com a sua nova cobertura de betão armado...

*Foto: Arquitecto Luis Carvalho*





Agora, sem qualquer assimilação do anteriormente existente, mas numa assunção plena de total substituição e de renovação, após um esvaziamento absoluto, resultou a (re)construção de uma casa algo parecida, mas que não reflecte a sua anterior ocupação tipológica, ainda que melhorada ou salubrizada, nem a sua lógica construtiva, nem a sua lógica de integração na zona, nem, sob esse ponto de vista, a sua história como edificação, com as cicatrizes, marcas, vestígios de melhoramentos e acrescentos que o tempo, as necessidades e a evolução do uso foram impondo ...

Lêmbrei-me, agora, de José Régio, e da emoção com que escreveu sobre a sua “velha, grande, tosca, bela” casa de Portalegre, “cheia dos maus e bons cheiros das casas que têm história, cheia de vida e obsidante memória de antigas gentes e praças ...” ...será legítimo assumir que, mesmo após uma acção de Reabilitação Urbana, as casas devam ainda manter esta autenticidade, que sustentou e motivou o poeta? Sugiro que sim,

absolutamente!

Resta, desta casa uma mera aparência cenográfica, que reflecte a transformação parcial de uma cidade em cenário daquilo que foi, com uma profunda perda patrimonial nesse processo: a perda da autenticidade, e com ela, da identidade própria.

O que está em causa, não é criticar a louvável iniciativa de Reabilitação do Quarteirão. O que está em questão é, somente e apenas, a metodologia com que a mesma foi realizada.

### **Poder-se-ia ter evitado a perda patrimonial?**

Sem dúvida, sim. Há que assumir outras posturas perante o património edificado, mormente o classificado. No entanto, este exemplo, faz agora parte da história do processo de Reabilitação Urbana. É útil, porque motiva a reflexão. Em todos os processos há avanços e recuos, erros que motivam a afinação das actuações e das metodologias. Quando se aceita que os processos devem

seguir o seu próprio caminho de evolução, sem roturas epistemológicas, é aceitável que intervenções deste tipo aconteçam; Para que se evitem mais perdas, talvez haja que perder, em alguma fase do processo, alguma coisa realmente valiosa, que motive a reflexão.

Qualquer história termina com uma Moral. A minha é que, embora já à partida mantivesse dúvidas quanto ao fundamento metodológico que baseou esta operação, consolidei o conceito em como a Reabilitação Urbana, independentemente de outras considerações, tem necessariamente que ser feita através de processos de assimilação, e não de substituição, sob risco de perda patrimonial inevitável.

As cidades, mormente as ditas “históricas”, resultam de processos, longos, de assimilação e de sedimentação de muitos factores que as conformam e lhes conferem identidade própria, e perdem sentido, razão de existir e sustentabilidade histórica se transformadas em cenários de si próprias.■

